

ARTE - EDUCAÇÃO: leitura no subsolo



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arte-educação : leitura no subsolo / Ana Mae Barbosa, (org.). -- 9. ed.
-- São Paulo : Cortez, 2013.

Vários autores.
ISBN 978-85-249-2067-7

1. Arte - Estudo e ensino - Brasil I. Barbosa, Ana Mae.

13-07786

CDD-707

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Estudo e ensino 707
2. Arte-educação 707

ANA MAE BARBOSA (Org.)

Brent Wilson • David Thistlewood

Elliot Esiner • Marjorie Wilson

Mary Stokrocki • Ralph Smith

Robert William Ott • Vincent Lanier

ARTE - EDUCAÇÃO: leitura no subsolo

9ª edição

2ª reimpressão

**CORTEZ
EDITORA**

ARTE-EDUCAÇÃO: leitura no subsolo
Ana Mae Barbosa (Org.)

Capa: DAC

Revisão: Agnaldo Alves

Composição: Linea Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales



Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos autores e do editor.

© 1997 by Autores

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes

05014-001 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

E-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso na Índia — maio de 2019

Sumário

Aos leitores da 9ª edição	7
Aos leitores da 2ª edição	
<i>Ana Mae Barbosa</i>	25
Parâmetros internacionais dos pesquisadores em Arte Educação	
<i>Ana Mae Barbosa</i>	29
Entrevista com Ernest Gombrich	
<i>Ana Mae Barbosa</i>	50
Devolvendo arte à arte-educação	
<i>Vincent Lanier</i>	68
Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de crianças	
<i>Brent Wilson e Marjorie Wilson</i>	87
Estrutura e mágica no ensino da Arte	
<i>Elliot Eisner</i>	111
Excelência no ensino da Arte	
<i>Ralph Smith</i>	131

Ensinando crítica nos museus <i>Robert William Ott</i>	149
Estudos críticos: O museu de arte contemporânea e a relevância social <i>David Thistlewood</i>	186
Um dia escolar na vida de uma menina Navajo: estudo de caso em forma de conto oral etnográfico <i>Mary Stokrocki</i>	205
Relação das teses pesquisadas	225
Levantamento de autores, obras e ano das edições citadas	236
Tabelas	242

Aos leitores da 9ª edição

O livro *Arte/Educação: leitura no subsolo* é resultado de pesquisa com o financiamento do CNPq.

O objetivo da pesquisa foi detectar os textos estrangeiros mais influentes na mudança de paradigma do ensino modernista para o ensino pós-moderno de Arte. Para isso, numa época em que ainda não estavam digitalizadas nem as teses nem as dissertações, tivemos que contar com a colaboração inestimável dos colegas professores universitários para localizar os 80 trabalhos examinados na pesquisa. Foi uma decisão muito acertada considerar como parte da pesquisa traduzir e publicar os artigos mais frequentemente citados para justificar a ampliação dos objetivos expressionistas do ensino da Arte em direção à inclusão da imagem a ser analisada, discutida, decodificada, além de sua significação mais evidente. Ao longo desses anos, este livro tem sido citado na maioria dos trabalhos que tenho examinado. Já foram publicadas sete edições deste livro. A minha intenção era estender para os professores do ensino Fundamental e Médio o privilégio do acesso à leitura desses textos, pois sempre achei que brasileiros não são obrigados a ler em língua estrangeira em seus estudos de bacharelado e licenciatura. Nas pós-graduações,

sim, aqueles que estão se preparando para serem pesquisadores, precisam ler o que se pesquisa acerca de seu tema em universidades de outros países de línguas diversas.

Muita coisa mudou nos 14 anos a partir da publicação e dos quase 17 anos desde a organização deste livro.

Até a forma como hoje escrevemos o termo Arte Educação se diversificou. Nos anos 1950, quando começou a ser utilizado pelo pessoal das Escolinhas de Artes, se escreviam as duas palavras separadamente. Em torno dos anos 1970, comecei a escrever Arte-Educação com hífen, porque achei que assim explicitava a relação dialética entre as duas áreas e o sentido de pertencimento de uma área a outra constituindo uma terceira. Em meados dos anos 1990, um linguista de Minas Gerais, falando com Lucia Pimentel, então minha aluna, criticou o uso do hífen para significar relação dialética ou pertencimento e explicou que a barra produz mais adequadamente o sentido que eu procurava. Acreditei nele, daí hoje eu escrever Arte/Educação com a barra popularizada pela linguagem de computador.

Multiplicaram-se as tendências do ensino da Arte. Surgiu a designação Cultura Visual, que vem contribuindo para que se também se multipliquem os nomes dados ao ensino da Arte. Uns falam em Educação para a Cultura Visual, minimizando a importância da Arte, e outros, como eu, preferem falar de Artes e Culturas Visuais. Em Arte/Educação nunca pecamos se pluralizamos.

Aliás, este livro contém dois textos precursores da Cultura Visual: o de Brent Wilson e o de Vincent Lanier. Kevin Tavin, um jovem culturalista da The Ohio State University, onde tive o prazer de ensinar, considera Brent e Lanier pioneiros da Cultura Visual ligada à Arte/Educação nos Estados Unidos. Como vocês sabem, a Cultura Visual não integra

apenas o ensino de Arte, mas também a História, a História da Arte, a Antropologia, o Feminismo, os Estudos da Mulher, a Queer Theory, a Economia, a Política, os Estudos Pós-Coloniais, os Performance Studies, o Cinema, os Estudos de Mídias, a Arqueologia, a Arquitetura, o Urbanismo, a Ecologia, o Design etc.

Como há várias tendências da Arte/Educação, também há várias tendências da Cultura Visual, mesmo escrita no singular. A que estudo, discuto e pratico é historicizada, tem raízes no pensamento e na obra de Gilberto Freyre, Aloísio Magalhães, Richard Hamilton, Richard Hoggart, Paul Duncun, Anna Kindler, Pat Stuhr, Kerry Freedman, Stuart Hall, José Luis Brea etc., e já vinha sendo produzida no Brasil por pesquisadores como Mariazinha Fusari, Analice Dutra Pilar, Maria Helena Rossi, Sandra Ramalho, Nilza de Oliveira, Dulcília Buitoni, Fernanda Martins etc. e serviu de base à política cultural do MAC/USP 1987-1993. Hoje conta com jovens pesquisadores intermediários como Jociele Lampert, Tatiana Azzi, Regina Alves, Marcos Beltrão, Alice Martins, Annelise Nani etc. Outra diferença é que até 1993 se citava pouco os estrangeiros, hoje é o contrário: citam-se muito os espanhóis não só em Arte/Educação, mas na Educação em geral. Isto é resultado da animada política de ampliação do domínio espanhol no Brasil, escorada pela globalização. O Banco Santander quase se tornaria o maior banco do Brasil se não fossem as fusões de bancos brasileiros para fazer frente à competição, e foi a venda de ações aos brasileiros que salvou o Santander na Espanha. Abriram-se centros culturais da Espanha no Brasil. O de São Paulo tem como diretora uma das mulheres mais proativas da dinâmica cultural da cidade. A Telefônica buscou dominar as comunicações, muitas editoras foram compradas pelo capital espanhol,

inclusive a Moderna, que é muito rica em livros para didáticos. Na educação, a Espanha também tem dominado o Brasil desde que foi dado o poder a um educador espanhol para determinar o currículo nacional do nosso país. Ele próprio se encarregou de escrever livros em português para todas as disciplinas. Depois disso, a reserva de domínio espanhol nas bibliografias no campo educacional no Brasil é extensa e poderosa. Parece que, se você não citar um espanhol em sua tese, está fora da moda.

Também se multiplicaram as metodologias de pesquisa dando lugar a uma epidemia de teses usando a história de vida, o que acho especialmente valiosa no ensino e em textos menores, mas, como base de pesquisa para tese, isso as torna muitas vezes pretensiosas. Uma linha de pesquisa que já vínhamos timidamente explorando na ECA/USP é a preconizada por Elliot Eisner nos anos 1980, pesquisa em Arte/Educação baseada em Arte, uma pesquisa que se explicita, se demonstra através da fotografia, do desenho, da Arte em geral.

A.R.T.ografia é outra linha metodológica criada por Rita Irwin, que leva mais além a ideia de Eisner. Requer uma produção de Arte, de pesquisa (Research), de ensino (Teacher) e escrita (grafia) configuradas no processo e no resultado. Irwin explica melhor sua linha metodológica no livro *Interterritorialidade* (2008).

O Design Thinking, que ousou traduzir para “Pensar como Designer”, também vem se impondo, exigindo intensa “Ideação”, seguida de “Visualização”, quando pesquisa e múltiplas respostas devem ser produzidas em busca da materialização da ideia. Em se tratando de objetos, segue-se a “Prototipagem”, que geralmente envolve os modelos de pequena escala utilizando materiais de baixo custo. Por fim,

a Avaliação e a Elaboração e, em alguns casos, a Implementação. Os trabalhos multimídia vêm usando o Pensar como Designer com sucesso, potencializando o processo criador. Não basta criar; é preciso implementar, dizem os jovens professores de Arte.

Há um revival das teorias e práticas da Criatividade em Arte/Educação. Pesquisando para outro livro, *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais* (2010), descobri que a Abordagem Triangular também tem sido muito usada como instrumento de pesquisas em teses e dissertações.

Maria Cristina Monteiro (2005), em sua dissertação de mestrado, examinou 98 teses ou dissertações defendidas nas Universidades brasileiras de 1995 a 2003, cujo tema ela classificou como Arte/Educação, através da leitura do sumário. Destas, nove são sobre a Abordagem Triangular, que ela analisou mais detidamente.

Incluo no fim deste quase prefácio a lista das teses e dissertações que Monteiro pesquisou no período de 1995 a 2004, apresentada como anexo. Como este livro localizou as teses até 1993, a lista produzida por Monteiro ajuda a visualizar a produção da última entre décadas. É pena que na listagem não conste o nome do autor da tese, mas trata-se de uma valiosa contribuição para complementação da informação deste livro.

Muitos professores se mostraram interessados em continuar a pesquisa que fiz nas teses sobre Arte/Educação. Agora, com o computador, está mais fácil. Mas precisamos ir mais além como Monteiro (2010) o foi.

É muito necessário analisar a qualidade da produção dos mestrados e doutorados no Brasil, porque a Capes só se interessa que sejam produzidos em dois anos, imitando o Acordo de Bolonha, que é muito criticado na própria Europa.

Supostamente esta exigência é só para os alunos que têm bolsa, mas se os que não têm bolsa passarem dos 24 meses, o Programa da Universidade é mal avaliado, portanto, a exigência é para todos.

Os amigos que generosamente me permitiram publicar seus textos neste livro já estão todos aposentados, exceto Mary Stokrocki, que está cada vez mais prestigiada pelos arte/educadores em todo o mundo. Seu mais recente texto de pesquisa feita com seus estudantes sobre uma coleção de pentes é valioso para aos estudos de Cultura Visual. Apesar de aposentados, Elliot Eisner, Marjorie e seu marido Brent Wilson, continuam ativos, participando de congressos especialmente das Conferências da National Art Education Association.

Este livro traz os textos que foram mais importantes para introdução da Arte/Educação ao Pós-Modernismo. Organizei outro, *Arte/Educação Contemporânea*, que se seguiu a este e que traz os textos do apogeu do Pós-Modernismo na Arte/Educação, incluindo as tensões entre Arte/Educação e Cultura Visual; Multiculturalismo; Globalização e Cultura Local, Arte da África e Arte Eurocêntrica.

Agradeço à Cortez Editora por estar sempre permitindo que eu vá adiante.

Ana Mae Barbosa

Fevereiro de 2011

ANEXO B
Relação de Dissertações e Teses — Arte Educação (1995-2004)

Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
1	1995	A metodologia triangular no ensino da arte em escolas de primeiro grau do município de Vitória	CURR	M	UFES	ES	1
2	1997	Representação da aula de artes plásticas por alunos do ensino fundamental e médio	CURR	M	UERJ	RJ	1
3	1996	Arte-educação: pressupostos teórico-metodológicos na obra de Ana Mae Barbosa	EPIS	M	UFG	GO	1
4	1996	A educação artística na formação do técnico de nível médio	CURR	M	UFSC	SC	1
5	1997	Autonomia do arte-educador — licenciatura em educação artística — um processo em construção	FP	M	UFPE	PE	1
6	1995	O cenário epistemológico da complexidade	EPIS	D	Unimep	SP	1
7	1995	Entre a arte e a técnica: reflexões sobre o desenho e seu ensino	EPIS	M	UFPI	PI	1
8	1996	O desenho e conhecimento: uma pedagogia da produção	AE	M	UFRCS	RS	1
9	1996	A educação como experiência estética: uma síntese entre o pensar e o sentir	EF	M	UERJ	RJ	1

	Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
10	1995	Artes cênicas na escola — o avesso do avesso	Educação	EF	M	UERJ	RJ	1
11	2000	Mimesis e educação nos processos de aprendizagem da razão comunicativa	Educação	EF	D	UFRGS	RS	1
12	2000	Por uma semiótica do olhar: arte, história, educação.	Comunicação e semiótica	AE	D	PUC-SP	SP	1
13	2000	A arte-educação configurando espaços de formação	Educação	FP	M	Unifran	SP	1
14	2000	Arte e seu ensino: uma proposta teórico-prática reflexiva com professores das séries iniciais	Educação	CURR	M	UFPR	PR	1
15	2000	Investigando o professor de arte: em busca de novos caminhos, compreendendo sua formação	Educação	FP	M	Unesp	SP	1
16	2000	A experiência estética ampliada em Lygia Clark e Helio Oiticica: uma proposta pedagógica em arte e educação	Artes	AE	M	UFRJ	RJ	1
17	2000	Interculturalidade estética do cotidiano no ensino das artes visuais	Educação	CURR	D	Unicamp	SP	1
18	2000	Meu design meu designio (educação e arte como prática)	Educação	EPS	M	UFPEL	RS	1
19	2000	Museu de arte e ação educativa: proposta de uma metodologia lúdica	Artes	CURR	M	USP	SP	1

	Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
20	2000	Olho vivo: arte-educação na exposição labirinto da moda: uma aventura infantil	Artes	CURR	D	USP	SP	1
21	2000	A criança desvendando a arte: um olhar antropológico	Antropologia	CURR	M	UFPE	PE	1
22	2000	Alfabetização estética: arte na vida...vida na arte...arte-educação	Educação	AE	M	UFPR	PR	1
23	2000	Leitura estético-visual na educação fundamental	Educação	AE	D	UFRGS	RS	1
24	2000	Tornando significativo o ensino da História da Arte: caminhos percorridos na prática	Educação	AE	M	UFPEL	RS	1
25	2000	A mediação sociocultural reguladora: a ficção juvenil brasileira contemporânea entre a educação, a arte e o mercado	Comunicação e semiótica	AE	M	USP	SP	1
26	2000	O papel como material expressivo na pesquisa e no ensino da arte. Uma proposta metodológica	Artes	CURR	M	UFBA	BA	1
27	2000	Te-artes e educação: reflexões e experiências	Artes	CURR	M	Unesp	SP	1
28	2000	Aprendendo com o Boneco: uma experiência em Arte-Educação	Educação	CURR	M	UFPB	PB	1
29	2000	Nos bastidores do teatro infantil: estudo de uma produção cultural para crianças	Educação	CURR	M	UFMG	MG	1

Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
30	2000	Oficinas de arte com professores: dificuldades de inserção de elementos artísticos na escola e formas de superação	FP	M	UFBA	BA	1
31	2001	A arte e a educação na escola: os caminhos da apreciação estética dos jovens e adultos	AE	M	UFRGS	RS	1
32	2001	A presença da arte na educação infantil: olhares e intenções	CURR	M	UFRN	RN	1
33	2001	Arte-educação na produção de texto crítico e criativo no ensino superior	AE	M	PUC-PR	PR	1
34	2001	O livro de imagens e as múltiplas leituras que a criança faz do seu texto visual	AE	M	Unicamp	SP	1
35	2001	Relações arte, artista e grande público: a prática estético-educativa numa obra aberta	AE	D	Unicamp	SP	1
36	2001	Arte e educação: um estudo de caso na E.M.E.F. Desembargador Theodomiro Dias de 1997 a 1999	CURR	M	USP	SP	1
37	2001	Arte na escola: um estudo sobre a leitura e a releitura como possibilidade de criação	AE	M	Mackenzie	SP	1
38	2001	Arte e transformações na cultura escolar	CURR	M	USP	SP	1

Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
39	2001	A figura humana na pintura moderna: alternativa para a psicologia e a educação entenderem o homem	PA	M	UEM	PR	1
40	2001	Arte e política em Walter Benjamin	EF	M	UFMG	MG	1
41	2001	Mercúrio no jardim de Vênus: a <i>anima mundi</i> na psicologia de C. G. Jung e de James Hillman	PA	M	UFRJ	RJ	1
42	2001	Leis da liberdade: a relação entre estética e política na filosofia de Herbert Marcuse	EF	D	UFMG	MG	1
43	1998	Um aplicativo multimídia para o ensino da arte: geometria	CURR	M	UnB	DF	1
44	2000	Prazer em conhecê-la história da vida, da arte: reflexões sobre o processo de ensino / aprendizagem	CURR	M	UFPEL	RS	1
45	2000	Educação e arte na era tecnológica: pode a arte contribuir para a formação do homem da nova sociedade tecnológica?	CURR	M	Cefet	RJ	1
46	2001	A arte como forma simbólica	EF	M	PUC-SP	SP	1
47	2001	Desenho — pintura — escrita: simulando simulacros	EPIS	M	UFRJ	RJ	1
48	1998	Realidade e representação: possibilidade e desafio em pintura	AE	M	UFRJ	RJ	1

	Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
49	2001	Arte enquanto linguagem: uma reflexão sobre o curso de Pedagogia da UNOESC	Educação	CURR	M	UFSC	SC	1
50	1998	Imagens do espaço da arte na escola: um olhar feminino.	Educação	CURR	M	Unicamp	SP	1
51	1998	A formação de professores de educação artística e sua complexidade pedagógica	Educação	FP	M	UFSC	SC	1
52	1998	Artes visuais, meio ambiente e educação escolar — um estudo sobre professores e aulas de arte em 3º e 4º ciclos de escolas de ensino fundamental em São Paulo	Educação	FP	M	USP	SP	1
53	2001	Arte, conhecimento, educação e a proposta triangular	Educação	CURR	M	Unijuí	SP	1
54	2001	Professor de arte: ensino de arte na escola para quê?	Educação	FP	M	PUC-SP	SP	1
55	2000	Construindo caminhos — linguagens artísticas na formação de professores	Educação	FP	D	UFRN	RN	1
56	2001	A evolução do ensino de arte no espírito santo: da EBA — escola de belas artes, 1951 ao centro de artes/UFES 1971	Educação	CURR	M	UFES	ES	1
57	1999	A informática como suporte no ensino da arte	Engenharia de produção	PA	M	UFSC	SC	1
58	1999	A proposta circular: aplicação de uma abordagem alternativa para o ensino da arte contemporânea	Educação	CURR	M	UFSC	SC	1

Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont	
59	2000	Ser artista: uma abordagem antropológica da produção erudita de arte contemporânea no Brasil	Antropologia	EPIS	M	UFSC	SC	1
60	2000	O fragmento e a síntese: a estética objetiva do Schiller em a educação estética do homem	Comunicação e semiótica	EF	D	PUC-SP	SP	1
61	2001	O sublime e a estética futura	Filosofia	EF	D	PUC-RJ	RJ	1
62	2001	Dada e surrealismo: a estética do fragmento e o maravilhoso como respostas a uma civilização em crise no início do século XX.	História social da cultura	EF	M	PUC-RJ	RJ	1
63	2000	A educação estética: uma abordagem à luz da concepção filosófica de Schiller	Educação	EF	M	UFRGS	RS	1
64	2000	A estética onto-antropológica do <i>aufklärung</i> alemão: a relação entre os conceitos de humanidade ideal e arte ideal no pensamento classicista de Friedrich Schiller	Filosofia	EF	M	UFPB	PB	1
65	1999	A recepção do vídeo no ensino das artes visuais: a informação estética no contexto escolar	Comunicação e semiótica	CURR	M	UFPB	PB	1
66	2004	Ensino das artes visuais nas classes de aceleração no município de Lages	Educação	CURR	M	Uniplac	SC	1
67	1995	A imagem na era de sua reprodutibilidade eletrônica	Filosofia	AE	M	USP	SP	1

	Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
68	2003	Sistemas estéticos sequenciais: proposta de desenvolvimento de modelo híbrido para o ensino na escola regular na área de educação artística	Engenharia de produção	CURR	D	UFSC	SC	1
69	2001	Programa TV escola e suas implicações no cotidiano escolar do professor de arte	Engenharia de produção	CURR	M	UFSC	SC	1
70	2002	Tecnologia e educação da percepção integrada ao ensino das artes plásticas: por uma consciência ambiental	Engenharia de produção	CURR	M	UFSC	SC	1
71	2003	Arte ou não: uma abordagem de aspectos relacionados à formação de paradigmas estéticos do público	Engenharia de produção	AE	M	UFSC	SC	1
72	2004	A origem da Obra de Arte: uma interpretação da arte além da tradição aristotélica	Teoria da Literatura	EF	M	UnB	DF	1
73	2001	O Cinespismo interativo nas artes plásticas: um trajeto para a arte tecnológica	Artes	AE	M	USP	SP	1
74	2000	Nos espelhos da arte – reflexões psicanalíticas sobre a apreciação estética	Psicologia	AE	M	UnB	DF	1
75	2003	O jogo entre Arte e Ciências: da Fotografia ao Confocal Brasil	Artes	AE	M	UnB	DF	1
76	1997	O desenho reproduzido e a formação do professor de séries iniciais do ensino fundamental	Educação	FP	M	UnB	DF	1

Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
77	Fotografia e artes plásticas no Brasil	Comunicação e semiótica	AE	M	UnB	DF	1
78	Educação em arte: uma proposta de formação continuada dos professores de Artes Visuais por meio da utilização das tecnologias de informação e comunicação	Artes	FP	M	UnB	DF	1
79	A relação instituições culturais e rede pública de ensino na educação contínua de educadores que trabalham com ensino de arte	Artes	FP	M	USP	SP	1
80	A valorização da cultura negro-africana no ensino de arte: análise de currículos das faculdades de arte no Brasil em busca das raízes culturais africanas	Artes	CURR	D	USP	SP	1
81	A educação como estética da existência: uma crítica anarquista ao construtivismo	Educação	EPIS	M	Unicamp	SP	1
82	Reflexos e reflexões em pintura	Artes	AE	M	UFRJ	RJ	1
83	Caminhos para o Indeterminado: Momentos de Inter-cursos entre a estética relativa do Impreciso e do Paradoxal de Hans Koellreutter e a Origem da Obra de Arte de Martin Heidegger.	Filosofia	EF	M	Mackenzie	SP	1

Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
84	Arte e ensino público: desvelando uma experiência com o ensino de artes visuais na cidade de Jacareí: conquistas, transformações e limites.	Educação, arte e história da cultura	AE	M	Mackenzie	SP	1
85	Coisas do mundo um mundo de coisas	Educação, arte e história da cultura	AE	M	Mackenzie	SP	1
86	A Criatividade na produção artística e o desenvolvimento psicossocial do ser humano	Comunicação e artes	PA	M	Mackenzie	SP	1
87	Diálogo: um olhar sobre um processo de criação e expressão do artista	Educação, arte e história da cultura	AE	M	Mackenzie	SP	1
88	A reprodução nas artes plásticas: novas tecnologias e o direito autoral	Educação, arte e história da cultura	AE	M	Mackenzie	SP	1
89	Hélio Oiticica: experiência ambiental	Comunicação e semiótica	AE	M	PUC-SP	SP	1
90	A difusão do projeto arte na escola: um estudo sobre a prática das professoras e professores nas escolas públicas de Florianópolis	Educação	CURR	M	UFSC	SC	1

	Ano	Nome	Programas/ Áreas	Categorias	M/D	Instituição	Estado	Cont
91	2001	Experiência estética: um percurso constitutivo de professora de arte	Educação	FP	M	Unirio	RJ	1
92	2000	Intencionalidade na construção do olhar estético-crítico do professor do ensino fundamental	Educação	CURR	M	UFSC	SC	1
93	1996	Revelando o Museu Victor Meirelles rumo à descoberta do seu potencial	Educação	AE	M	Udesc	SC	1
94	2001	O "sonho da razão produz monstros?" Imaginário e simbolização: a construção do sentido na obra de artes plásticas.	Educação	AE	M	Mackenzie	SP	1
95	2000	Arte e Resistência: Vicent Willen Van Gogh.	Artes	PA	D	Unesp	SP	1
96	2003	A Arte na Escola: experiência emancipadora ou atividade paralela?	Psicologia	CURR	M	Unesp	SP	1
97	1996	A apreciação estética no ensino de história da arte	Educação	AE	M	UFSCar	SP	1
98	2003	Currículo de Arte: as escolhas dos conteúdos sob olhar dos professores	Educação	FP	M	Univali	SC	1

As categorias determinadas por Monteiro: *Currículo, Apreciação Estética, Estética Filosófica, Formação de Professores, Epistemologia e Psicologia da Arte*

Referências bibliográficas

MONTEIRO, M. C. *Tendências de produções científicas em Arte-Educação e a proposta triangular de ensino*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina.

MONTEIRO, Maria Cristina; MOSTAFÁ, Solange Pontuel. Tendências de produção científica em arte-educação no Brasil e a proposta triangular de ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira. *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 198-210.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. *Interterritorialidade: médias, contextos e educação*. São Paulo: Senac, 2008.

Aos leitores da 2ª edição

É com enorme pesar que registro aqui a perda de três pesquisadores cujos textos integram este livro. Vincent Lanier faleceu em setembro de 1997, um mês antes da publicação da primeira edição, e meus grandes amigos Robert Ott e David Thistlewood, no ano de 1998. Os estudos de Arte-Educação perderam grandes pesquisadores, e os arte-educadores brasileiros perderam interlocutores atentos, interessados no desenvolvimento do ensino da Arte em nosso país, sempre dispostos a receberem em suas Universidades meus alunos da USP. Foi o caso de Ott, ao tomar a si a responsabilidade pelos estudos de Christina Rizzi na Penn State University, e de Thistlewood, ao tratar como filhos diletos os alunos que enviei para a Universidade de Liverpool — Lucimar Bello, Martim Grossman e Sofia Fan.

Infelizmente, estes colegas não chegaram a tomar conhecimento da positiva recepção de nosso livro, cuja primeira edição esgotou-se em menos de um ano e gerou muita pesquisa e reflexão. Vários trabalhos relevantes baseados em princípios teóricos defendidos neste livro me têm sido encaminhados. Gostaria de citar os dos alunos da Prof^a Regina Machado do Curso de Especialização em Arte-Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São

Paulo, da Prof^a Mirian Celeste Martins, com os alunos de bacharelado e licenciatura de 1998 da Unesp, no Projeto Exercícios de Leitura, os da Prof^a Christina Rizzi e da Prof^a Ana Amália Barbosa, no curso de especialização de professores da Secretaria de Educação de Jacareí, e os desenvolvidos pelos excelentes estudantes do Curso de Especialização em Arte-Educação da Universidade Federal do Espírito Santo de 1998, coordenados pela Prof^a Isabel Helena Oliveira.

Espero continuar recebendo trabalhos inspirados em ideias desta obra.

Gostaria ainda de atualizar a informação dos leitores acerca do que vêm fazendo os autores.

Brent Wilson vem assessorando os programas do Getty Institute, sobre os quais publicou ainda em 1997 o livro *Quiet Revolution*. Elliot Eisner, além de ter recebido em 1998 o importante prêmio Harold McGraw Jr de Educação, publicou o livro *The Kind of Schools WE NEED*, cuja leitura é fundamental para entender as reformas educacionais neoliberais como oposição a uma política mais participativa na ecologia das escolas. Marjorie Wilson tem escrito acerca de obras de Arte para uma editora interessada em produzir material de apoio para professores, e suas conferências em congressos atraem cada vez mais público.

Ralph Smith continua a publicar sua prestigiosa revista *Journal of Aesthetic Education*, e a coleção que dirige na University of Illinois Press, intitulada *Disciplines in Art Education: Contexts of Understanding*, se enriqueceu com mais dois livros, um sobre Crítica de Arte e outro sobre História da Arte.

Mary Stokrocki esteve no Brasil ministrando comigo uma disciplina sobre Pesquisa Qualitativa em Arte-Educação

na Escola de Comunicações e Artes da USP, no primeiro semestre de 1998, além de realizar pesquisas com Rejane Coutinho em duas escolas de São Paulo, nas classes das professoras Regina Tanaka (escola particular) e Ruth Reighn Silva (escola pública — CEFAM). Participou também dos Cursos de Arte-Educação organizados no SESC Vila Mariana, abrindo a série intitulada A Compreensão e o Prazer da Arte, em abril de 1998.

As pesquisadoras que comigo colaboraram mudaram radicalmente suas vidas. Heloisa Margarido Salles, desistiu de todos os empregos, inclusive de uma vaga de professora concursada na UNESP e está se dedicando a trabalhos voluntários em comunidades da periferia de São Paulo e ao seu doutorado. Thais Helena Fusco Magalhães e o marido tomaram a decisão de serem pais de Vanessa, uma menina de 5 anos e se mudaram temporariamente, eu espero, para Londres onde estão estudando e trabalhando.

Quanto a mim, publiquei o livro *Tópicos Utópicos* pela editora Comarte, de Belo Horizonte, e estou preparando três livros: um em fase de pesquisa, com apoio do CNPq, acerca da Modernização do Ensino da Arte; outro de ensaios sobre Arte-Educação nos anos 90, para a Cortez Editora, contando como este com a colaboração de pesquisadores do exterior; e finalmente um que trata do Pós-modernismo nas Artes, para a Editora Perspectiva.

Meu e-mail para informações acerca da recepção deste livro é anamae@uol.com.br, pois tenho o maior interesse em acompanhar o seu destino.

Atenciosamente

Ana Mae Barbosa

Parâmetros internacionais dos pesquisadores em Arte Educação

Ana Mae Barbosa

Esta coletânea de ensaios é o resultado de uma pesquisa acerca das influências estrangeiras na mudança do ensino modernista da arte para o ensino pós-moderno da arte no Brasil através da análise das dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 1981 e 1993 nas universidades brasileiras. Além de apresentarmos uma listagem de teses, incluímos neste livro ensaios de autores estrangeiros nelas citados, ainda não traduzidos, ou publicados em revista de difícil acesso para os professores do ensino fundamental.

Gostaria de precisar a gênese deste trabalho. A política preconceituosa de concessão de bolsas e de reconhecimento acadêmico do CNPq e CAPES em relação à Arte-Educação motivou meu interesse em demonstrar ao público que já existe uma produção considerável na área. Curiosamente, o CNPq apoiou nossa pesquisa, o que depõe a favor da instituição. Explicarei melhor os fatos. Desde a criação do programa de pós-graduação em Artes na USP, que reconheceu uma

linha de pesquisa específica em Arte-Educação muito me preocupava a necessidade de pluralidade na formação dos pesquisadores. Por nove anos fui a única orientadora e única professora nata da área de Arte-Educação; portanto, era imperioso encontrar mecanismos que permitissem aos alunos terem acesso a outras abordagens de Arte-Educação diferentes da minha. Bibliografia nacional quase inexistia. Bibliografia estrangeira informava mas pouco entusiasmava para a pluralidade. Em geral, os alunos se fixavam na visão de um autor e desenhavam pesquisas para provar esta ou aquela ideia por ele expressa. Para mestrados isso era aceitável, mas logo viriam os doutorados e o exercício da análise e a tomada de decisão teórico-prática deveriam necessariamente ser mais complexos, refletindo um pensamento capaz de navegar pelas contradições e coincidências de diferentes abordagens. Não havia doutores em Arte-Educação no Brasil que pudessem integrar o curso. Comecei a convidar especialistas para ministrarem disciplinas oficialmente sob minha responsabilidade, mas para o desenvolvimento das quais os professores convidados tinham inteira autonomia. Aprendi isso com Jacó Guinsburg que fizera o mesmo comigo quando eu era uma doutoranda. As dificuldades e a exiguidade do pagamento a estes profissionais me desestimularam, mas tivemos a inestimável participação de Helena Maffei, especialista em Erik Erikson, Selma Cionai, especialista em Criatividade e mesmo de doutorandas da casa como Heloisa Ferraz e Ana Cristina Almeida. Paulo Freire também ministrou uma disciplina mas felizmente foi considerado oficialmente responsável por ela sem precisar comprovar curriculum. As autoridades ficaram satisfeitas com a redação do seu curriculum feita por mim própria. Tendo explorado os amigos daqui, resolvi começar a explorar os amigos do exterior. O primeiro a vir com a ajuda do British Council foi John Swift e logo se seguiram

David Thistlewood e David Best. Depois que passei a dirigir o MAC, os cursos dos professores estrangeiros serviam a um duplo propósito: preparavam os alunos de pós-graduação e os educadores do museu, além de servirem a um sem-número de arte-educadores de outras instituições, e até mesmo de outros Estados. Mas os meus pedidos de professores visitantes começaram a irritar FAPESP e CNPq, que finalmente me disseram ser contra a vinda de professores do exterior para ministrar disciplinas em quinze dias. Como poderia provar que em quinze dias, trabalhando intensamente oito a dez horas por dia numa imersão total no assunto, os alunos assimilavam conteúdos e explodiam de excitação intelectual? Foi aí que me veio a ideia de examinar as teses quando fossem produzidas para verificar o aproveitamento desses cursos rápidos, porém intensivos. Comecei a fazê-lo assistematicamente por mera curiosidade. Verifiquei não só que as teses ficavam mais ricas em referências revelando múltiplas leituras, como também detectei uma coisa curiosa: David Thistlewood, Elliot Eisner, Brent Wilson apesar de terem sempre sido largamente comentados e citados nas disciplinas de pós-graduação, desde que esta fora instituída, só passaram a ser mais frequentemente citados em teses depois que vieram ao Brasil para dar disciplinas e cursos, e no caso de Eisner para dar apenas uma palestra que foi ouvida, entretanto, por mais de mil arte-educadores (FAEB/RGS 1990). Muitos autores já falaram da predominância da cultura oral sobre a escrita no Brasil, entre eles os Freires pernambucanos Gilberto e Paulo, mas é surpreendente comprovar que um autor como Elliot Eisner que já escreveu 23 livros, a maioria deles traduzidos em pelo menos cinco línguas, só passe a constar com frequência de teses brasileiras depois de ter sido ouvido no Brasil num evento que nem sequer era dirigido especificamente para a pós-graduação. Poderíamos argumentar que

não há traduções no Brasil dos escritos de Eisner; eu encontrei apenas um artigo publicado em uma revista de educação. Entretanto, o mesmo ocorreu com Brent Wilson que, apesar de ter um artigo seminal para o ensino contemporâneo da arte traduzido e publicado em 1982, só passou a ser amplamente considerado nas teses depois de 1989, quando estive em São Paulo para dar um curso no MAC (financiado pela USIS e CCINT/USP) e para proferir uma palestra no 3º Simpósio sobre o Ensino da Arte e sua História. Será que estas evidências convencerão os administradores educacionais de que, em nossa realidade, numa área emergente como a de Arte-Educação, aulas de viva voz e contato pessoal, nos quais as dúvidas de pesquisa são discutidas com especialistas estrangeiros, embora de maneira breve, podem valer mais que toneladas de textos mal deglutidos? Isso pode ser um alerta para o ensino através do vídeo ou a educação à distância, que nos estão sendo apresentados como solução para a educação brasileira. O vídeo na sala de aula sem a presença do professor para estimular, orientar a discussão e estender o conhecimento veiculado vai servir apenas para dar dinheiro às produtoras que importam caros equipamentos para as campanhas eleitorais e ficam sem ter o que fazer até a eleição seguinte. Estou afirmando isso depois de haver sido, por sete anos, consultora do projeto Arte na Escola, da Fundação IOCHPE, que até 1995 confiava grande parte da aprendizagem da criança à fruição de vídeos sobre arte, sem entretanto descuidar da preparação do professor para potencializá-los educacionalmente, oferecendo inclusive cursos bem embasados metodologicamente através da Abordagem Triangular.

Além deste acerto de contas comigo mesma, pretendia com esta pesquisa verificar se a superestrutura educacional, isto é, a pós-graduação, já estava aceitando o ensino contem-

porâneo da arte (pós-moderno), ou se, pelo contrário, ainda estava arraigada aos pressupostos modernistas.

O ensino da arte no Brasil na escola primária e secundária se caracteriza pelo apego ao espontaneísmo, ou pela crença na existência de uma virgindade expressiva da criança e na ideia de que é preciso preservá-la, evitando o contato com a obra de arte de artistas, especialmente suas reproduções, acreditando que esta apreciação incentivaria o desejo de cópia.

Com esta atitude impede-se o consumo da imagem de mais alta qualidade, aquela que é produzida pela arte, e mantém-se a criança imersa no mundo de imagens produzidas apenas pela indústria cultural. A inevitável mímesis visual é exercida portanto sobre as histórias em quadrinhos, as ilustrações dos livros didáticos (em geral de baixa qualidade estética) e, principalmente, sobre as imagens da TV.

Este posicionamento caracteriza o que podemos chamar de ensino modernista da arte que concebe a arte como expressão e relação emocional, priorizando a originalidade dentre os processos mentais envolvidos na criatividade.

As metodologias que orientaram o ensino da arte nos anos 80, denominadas ensino pós-moderno da arte nos Estados Unidos, ou ensino contemporâneo da arte na Inglaterra, consideram a arte não apenas como expressão, mas também como cultura, apontando para a necessidade da contextualização histórica e do aprendizado da gramática visual que alfabetize para a leitura da imagem. A arte passou a ser concebida nos projetos de ensino da arte nos anos 80 como cognição, uma cognição que inclui a emoção, e não unicamente como expressão emocional; a arte passou também a priorizar a elaboração e não apenas a originalidade.

A edição de imagens de segunda geração, isto é, a construção de uma imagem plástica pessoal baseada em imagens

produzidas ao longo da história passou a ser admitida na escola como processo de aprendizagem, e na teoria da arte recebeu o nome de *citacismo*.

Em pesquisa informal encomendada pela UNESCO e feita em 1989/1990 acerca da aceitação dos métodos pós-modernos de ensino da arte no Brasil (Barbosa, Ana Mae. *Art Education in Brazil: Reality Today Research and Future Expectations*. In *Research in Visual Arts*, Fall 1990, v. 16 n. 2-32), chegamos à conclusão de que os professores universitários de arte já aceitavam não só a imagem como base de ensino, mas também a ideia de introduzir crianças e adolescentes na leitura dos elementos que compõem o vocabulário visual enquanto os professores secundários reagiam energicamente contra isso, mantendo-se ainda mais apegados ao espontaneísmo, quando expostos aos métodos pós-modernos. Portanto, o meu pressuposto é que encontraria a defesa do ensino da *Arte* como *Cultura* e como *Expressão* nas teses sobre Arte-Educação, mas, como a nossa bibliografia em português é pequena, certamente os pós-graduandos se apoiariam em textos estrangeiros.

Queria detectar os textos estrangeiros mais influentes, traduzi-los e publicá-los, para que o professor dos ensinos fundamental e médio, que não é obrigado a ler em língua estrangeira, tenha acesso a informações que são de domínio do pesquisador e, baseado nestas informações, flexibilize sua metodologia modernista.

O primeiro passo foi localizar as teses sobre ensino de arte espalhadas nos programas mais diversos nas universidades brasileiras. Enfrentamos grandes dificuldades. Escrevemos para quase todas as bibliotecas centrais universitárias e só a UnB nos respondeu.

Contei com a colaboração dos colegas como Analice Dutra Pillar para conseguir exemplares das teses e com a boa

vontade dos autores que as enviavam sem custo para mim. Isso mostra a necessidade urgente de se criar um banco de teses como o de Ann Arbor nos Estados Unidos, onde as teses sejam depositadas e possamos conseguir microfílm ou outro tipo mais atualizado de reprodução para nossas pesquisas.

Mas a dificuldade em localizar e obter as teses brasileiras não desanimou a mim nem às pesquisadoras que trabalharam comigo. Arrolamos e lemos 79 teses. Muitas vezes as pesquisadoras tiveram de viajar para, mais segura e rapidamente, consultar as teses, e eu aproveitei os convites para palestras em várias universidades no país para procurar e ler as teses.

Provavelmente nos escaparam algumas dissertações ou teses do período 1981-1993. Se isso aconteceu peço que me enviem informações para correção de futuras edições. Depois de encerrar a pesquisa e entregar este livro na Editora tive a informação da dissertação de Telma Luzia Pegorelli Olivieri — *Educação artística para alunos trabalhadores: porque não?* (UFSCar, 1985).

Todas as 52 teses que reproduzi em xerox ou que me enviaram, foram doadas à Escolinha de Arte do Recife, que queremos transformar num arquivo da História da Arte-Educação no Brasil, nos moldes dos arquivos do Bretton Hall na Inglaterra, sonho que Laís Aderne e eu acalentamos há muito tempo.

Os valiosos arquivos de Noemia Varela que contêm quase cinquenta anos de História do Ensino da Arte no Brasil já estão depositados na Escolinha de Arte do Recife.

A identificação das teses que podem ser consideradas de Arte-Educação gerou produtivas polêmicas entre os pesquisadores.

A dissertação de Ana Claudia Mei de Oliveira, *Neolítico: Arte Moderna* (1987), já publicada em livro pela Editora Pers-

pectiva, que como a Cortez não tem preconceito contra teses nem contra Arte-Educação, foi incluída em nosso estudo, e é a única que não toca explicitamente no assunto ensino-aprendizagem, mas é construída de tal maneira que nos remete implicitamente aos problemas da aprendizagem coletiva e da aprendizagem individual da estruturação visual, da produção cultural e do “inconsciente ótico”, como diria Rosalind Krauss.

Discuti muito com Heloisa Margarido Sales se incluiríamos ou não a dissertação de Ana Claudia. Venceu minha ansiedade multicultural de apresentar uma visão formal e não apenas etnográfica da arte indígena complementando um conjunto de teses que, juntas, codificaram o problema da expressão pessoal e da aprendizagem culturalmente construída das minorias, como a educação em arte no Candomblé (Roberval Marinho), na Escola de Samba (Nilza de Oliveira), no Hospital de Doentes Mentais (Heloísa Ferraz) e de Doentes Neurológicos (Lúcia Helena Reily).

Estas minorias têm estes estudos de caso que clarificam aspectos multiculturais da Arte-Educação mas a minoria indígena tem apenas uma dissertação que aponta para a estereotipia e invasão cultural na construção da imagem do índio por nossas crianças (Maria Vitória Machado Granero).

Infelizmente, não encontrei nenhuma tese ou dissertação que pudesse incluir no paideuma de Arte-Educação, que tratasse da produção artística da mulher ou de seu viés apreciativo para completar nosso panorama multicultural¹.

1. Em 1998 foi defendida, na UNICAMP, a dissertação de mestrado de Luciana Gruppelli Loponte, orientada por Célia Almeida, intitulada *Imagens do Espaço na Arte e na Escola: um olhar feminino*.

Fernando Azevedo, orientando de Regina Machado, na USP, está também terminando sua tese, uma análise da memória e experiência de mulheres arte-educadoras. (Nota da Org.)

Precisamos estudar as diferenças para chegarmos a estabelecer as comunalidades. Por falar no social, a esperança despertou em mim ao concluir que a maioria dos estudos sobre mapeamento da situação da Arte-Educação e sobre análise de ação em sala de aula se centram no espaço pedagógico da escola pública e/ou universidade pública, não para demoli-la, mas mostrando algumas experiências de excelência.

Mas voltemos aos procedimentos da pesquisa. Seguindo os passos da pesquisa qualitativa de Elliot Eisner em seu livro *The Enlightened Eye: Qualitative Inquiry and Enhancement of Educational Practice* (1991), depois de identificadas as teses, passamos as tarefas de delimitação do *corpus* e de definição das variáveis que precisávamos observar no *setting* escolhido para tornar exequível a pesquisa, mas ao mesmo tempo obter suficientes informações para tirarmos conclusões acerca das influências estrangeiras e da mudança de paradigma a respeito do ensino da arte.

Nesta segunda fase da pesquisa, para delimitar o meu campo de estudos, procurei analisar as mudanças ocorridas em países da Europa e da América do Norte e Chile. Elaborei uma enquete, aplicada durante o Congresso Nacional de Arte-Educação da NAEA em Phoenix Arizona em 1992. Por meio dessa enquete informal, busquei saber a quais teóricos internacionais os arte-educadores atribuíam as mudanças e quais seriam essas mudanças.

A ideia de ir além do fazer foi apontada unanimemente pelos professores (canadenses, americanos, ingleses, holandeses, franceses), com a ressalva de que muitos afirmaram que já expunham seus alunos à apreciação artística antes que “se tornasse moda”. O multiculturalismo foi outra mudança largamente apontada, o que significa uma preocupação com a cultura e sua diversidade e não apenas com a expressão.

As ideias de Herbert Read foram mencionadas por alguns, não como propulsoras da mudança, mas como flexíveis o bastante para caberem na mudança.

Embora os modernistas tivessem usado Herbert Read como argumento de defesa do espontaneísmo, é necessária uma releitura de seus textos à luz da contemporaneidade, como o fez David Thistlewood no livro *Herbert Read: Formlessness and Form: Introduction to his aesthetics* (1984), para se detectar que não só de espontaneísmo se constituiu sua educação através da arte.

Na América Latina, Dora Aguila, Pilar Ibarra e Cecília Pineda se basearam em Herbert Read para estabelecer a mudança no ensino da arte no Chile. No livro destas arte-educadoras, *Explorando el mundo del arte* (Teleduc 1991), resultado de interessante projeto de Arte-Educação através da televisão, elas afirmam que “para Herbert Read há três atividades que devem ter lugar na educação através da arte. Estas são:

- de *autoexpressão*, que é a necessidade inata do indivíduo de comunicar a outros indivíduos seus pensamentos e emoções;
- de *observação*, que é o desejo de registrar na memória suas impressões sensoriais e, através delas, classificar seu conhecimento conceitual do mundo;
- de *apreciação*, que é a resposta do indivíduo aos modos de expressão de outras pessoas e aos valores do mundo.

Sustentam, portanto, que Herbert Read não defendia apenas a expressão, afirmação com a qual concordo. Diria que ele era tão apologista da ideia de apreciação que até criticou John Dewey por não ter traduzido em termos práti-

cos os conceitos de apreciação contidos no livro *Art as Experience* (1934).

Portanto, elegemos Herbert Read como cúmplice da contemporaneidade e o instituímos como um dos autores cuja influência devia ser verificada nas teses brasileiras junto com Ernest Gombrich, Rudolf Arnheim, Elliot Eisner, Edmund Burke Feldman, Vincent Lanier, Robert Ott, Robert Saunders, David Thistlewood, Brent e Marjorie Wilson e Ralph Smith. Estes foram os autores mencionados pelos entrevistados, que definiram a participação de cada um deles na ampliação contemporânea do conceito de ensino de arte mais ou menos da seguinte maneira:

- Arnheim, R. defende uma leitura em direção aos elementos que compõem a obra de arte em busca de equivalências configuracionais.
- Eisner, E. defende uma leitura qualitativa, não descritiva em direção às sensações.
- Feldman, E. defende uma leitura baseada nas etapas: descrição, análise, interpretação e julgamento.
- Gombrich, E. defende a leitura sincrônica para o esclarecimento da diacrônia. Em artigo-debate com Quentin Bell declarou-se contrário à pseudoliberalidade modernista, defendendo a ideia da leitura da obra de arte na escola.
- Lanier, V. defende a Arte-Educação com ênfase na apreciação de obras de arte.
- Ott, R. propõe um processo de leitura da obra de arte que segue os seguintes passos: descrever, analisar, interpretar, fundamentar e revelar.
- Saunders, R. desenvolve o método de multipropósito no ensino da arte, isto é, o fazer em função da lei-

tura da obra de arte e sua integração com outras disciplinas.

- Smith, R. defende a educação estética, e desde os anos 70 enfoca o problema da diversidade cultural.
- Thistlewood, D. ensina História da Arte através da leitura da obra de arte, usando a releitura como prática artística.
- Wilson, B. e Wilson, M. defendem a Arte-Educação como expressão e cultura, isto é, a integração da leitura da obra de arte com o fazer artístico sem hierarquização.

Citaram, ainda, Arthur Efland e Nancy Smith.

O passo seguinte foi confirmar a leitura desses autores pelos pós-graduandos brasileiros, o que fizemos tomando uma amostragem aleatória de dez teses de quatro universidades diferentes (ECA/USP, PUC-SP, UFRGS, UNB), de 1983, 1989, 1991 e 1992 — anos de maior produção em Arte-Educação das universidades brasileiras.

Verificamos se havia referência a esses autores no texto ou na bibliografia, o que foi confirmado, exceto no caso de Arthur Efland e Nancy Smith, que, portanto, decidimos, embora lamentando, não incluir na investigação aprofundada.

Arthur Efland é um autor muito importante para a crítica ao modernismo, pois escreveu em 1976 um artigo fundamental, satirizando “o estilo de arte escolar” vigente, sem correspondência com a arte das galerias, museus, ruas etc., mostrando que a arte na escola se transformara em mero exercício de sala de aula. Conclamava, como Vincent Lanier, o retorno da Arte à Arte-Educação.

Seu artigo, “The School Art Style: A Functional Analysis”, é citado por Brent Wilson no texto incluído neste volume.

Nancy Smith, uma das primeiras semioticistas da arte da criança, foi minha amiga e mentora na Universidade de Boston.

Mas, afetividade à parte, nossa decisão de nos aprofundarmos apenas nos autores confirmados pela indagação cruzada comprovou-se correta porque depois de examinarmos todas as teses verificamos que só houve uma referência a Nancy Smith e uma referência a Arthur Efland.

Passamos a investigar a incidência de citações dos dez autores, considerados importantes para a construção de um novo paradigma do ensino-aprendizagem da arte, contextualizando-as por ano da tese, universidade em que foi defendida e até por data das edições dos livros citados.

Qual não foi minha surpresa por descobrir, ao examinar as teses sobre Arte-Educação, que a maioria utiliza pouco autores e livros estrangeiros sobre Arte-Educação, exceto Herbert Read., em edições traduzidas para o português. Até mesmo Lowenfeld, que é citado em quase todas as bibliografias, raramente é citado no texto. As teses que tratam do desenvolvimento gráfico das crianças se baseiam mais frequentemente em Luquet porque ele foi citado por Piaget, e a maioria dessas teses é de orientação piagetiana. Esquecem-se que uma bem-orientada crítica às pesquisas, tanto de Luquet como de Lowenfeld e até de Rhoda Kellog, as desqualificam todas da mesma maneira, sob o argumento de que se basearam na análise de material recolhido sem que os pesquisadores testemunhassem o ato de fazer, o que os impediu de analisar outras variáveis como a verbalização, o contexto estimulador, o espaço em que se deu a produção, as respostas ao meio ambiente e ao próprio pesquisador etc.

Mas, em geral, os pós-graduandos que pesquisam sobre Arte-Educação leem pouco em língua estrangeira e leem

pouco sobre Arte-Educação. O perigo de produzirmos pesquisas, meras repetições de pesquisas já realizadas, ronda nossa economia de esforço.

Isso ocorre pelo fato de que até hoje² só existe um mestrado e doutorado com linha de pesquisa específica em Arte-Educação, que é o da ECA/USP. Mesmo na ECA há uma ligeira tendência à anemia teórica nas teses de Arte-Educação defendidas nas outras linhas de pesquisa, com exceção dos pós-graduados que cursaram antes a Especialização em Arte-Educação orientada por Regina Machado, quase todos muito bem-sucedidos, mesmo quando defendem suas teses em outras áreas.

Como os arte-educadores buscam fazer seus mestrados nos mais diversos programas por não haver pós-graduação específica em Arte-Educação, em geral se valem da bibliografia da área que estão cursando, como: Educação, Ciências Sociais, História, Semiologia, Psicologia etc. Não sendo especialistas da área na qual estrategicamente entram para fazer mestrados e doutorados, os arte-educadores se limitam a uma leitura superficial ou mal deglutida daquela área. Os orientadores, por não conhecerem as teorias e os teóricos da área de Arte-Educação, não podem orientar em direção a leituras mais atualizadas em relação ao objeto focal de estudos de seu orientando.

Parece-me o caso das teses defendidas no programa de Educação da PUC/SP até 1993. Enfatiza-se, por exemplo, a Fenomenologia com base superficial em Merleau Ponty e não há nenhuma referência aos escritores e teóricos que têm defendido e experimentado um Ensino da Arte Fenomenológico.

2. Em 1998 foi instituída a linha de pesquisa em ensino da Arte na Faculdade de Educação da UFRGS. (Nota da Org.)

Uma exceção positiva são as teses defendidas na pós-graduação em Educação da Unicamp, frequentemente bem embasadas em teóricos da Arte-Educação e/ou na área de Educação propriamente dita.

Além do fato de que as teses em Arte-Educação citam pouco os arte-educadores de outros países, outro fato me surpreendeu, o de que se cita muito pouco as teses brasileiras, e quase nunca as teses estrangeiras sobre Arte-Educação.

É interessante observar que há pessoas que estudam alguns assuntos acreditando que são as únicas a abordá-los, e o fazem sem nem sequer verificar o mais acessível índice de teses, o norte-americano, o Dissertation Abstract, que pode ser encontrado nas bibliotecas de quase todas as universidades no Brasil que têm pós-graduação.

Quanto às teses brasileiras, são citadas apenas a do seu próprio orientador, as de seus outros orientandos, ou a de amigos, o que é até compreensível, pois o acesso à informação sobre teses defendidas no Brasil é, como já disse, esforço hercúleo.

Basta saber que localizamos 36 teses sobre Arte-Educação entre 1981 e 1993 defendidas na ECA/USP, e na indexação por computador na biblioteca desta escola até agosto de 1995 constavam apenas nove e, dentre elas, duas foram defendidas no exterior por professores da casa.

Chegamos à evidência de que Arnheim, depois de Herbert Read, é o teórico mais invocado nas teses acerca do Ensino da Arte no Brasil no período estudado, seguindo-se Gombrich; provavelmente porque os textos citados estão traduzidos para o português e/ou espanhol. Procurei verificar as teses da área de História da Arte, e também Gombrich, Arnheim e Read estão presentes assiduamente.

Para os arte-educadores o livro mais citado de Herbert Read é o *Education Through Art*. São citações meramente ilustrativas. Na realidade suas ideias não são testadas nem debatidas. Até uma crítica negativa encontrada em uma das teses é vazia, não embasada, uma espécie de artifício para o autor se mostrar inteligente ao leitor desavisado. Quanto a Arnheim, várias teses buscam, através de pesquisa-ação ou relato de experiência confirmar suas afirmações acerca da percepção da gramática visual. Neste caso pode-se falar realmente de influência, porém a tão decantada influência de Herbert Read no Brasil é apenas invocação de autoridade.

Não vimos necessidade de traduzir Read e Arnheim para este livro resultante da pesquisa, porque seus textos mais frequentemente citados estão traduzidos em livros de grande circulação.

No caso de Gombrich, escolhemos uma entrevista feita pela pesquisadora, na qual este autor é inquirido especialmente sobre o ensino da arte e revela sua irrestrita adesão ao modelo pedagógico de ensino da arte como cultura e expressão, destacando a educação para o julgamento da obra de arte como uma necessidade.

Os textos de Brent Wilson e de Vincent Lanier são fundadores desta posição culturalista em relação ao ensino da arte. Apesar de terem sido traduzidos há quase quinze anos tiveram uma circulação restrita à universidade, e hoje não é possível encontrá-los senão na biblioteca da ECA, uma das poucas a ter a coleção completa da revista *Ar'te*, onde foram publicados. Vários pesquisadores têm me procurado em busca de cópias dessa revista, que transformou-se em objeto raro.

Escolhemos, de Elliot Eisner, o artigo que mais polêmica despertou nos últimos anos entre os arte-educadores. Trata-se

da defesa da Expressão feita por um dos baluartes da arte-educação como crítica, história, estética e ateliê.

Ralph Smith reafirma a preocupação internacional com a excelência, que chegou a ser combatida por grupos sociais mais radicais, como reacionarismo, entretanto aceita pela maioria nesta segunda metade da década de 1990.

O texto de David Thistlewood apresenta a visão inglesa da pós-modernidade no ensino da arte, bem caracterizada pelo *Critical Studies*, enquanto os textos americanos apontam para o que se configurou como *Disciplined Based Art Education*, preconizado claramente pelo texto de Robert Ott.

Decidi publicar um artigo de Mary Stokrocki, que não poderia ter sido citado nas teses examinadas porque foi publicado em 1994, mas considere importante apontar para o futuro das pesquisas fenomenológicas e etnometodológicas muito pouco exploradas por nossos estudantes de Arte-Educação.

O artigo “Um dia escolar na vida de uma menina Navajo: estudo de caso em forma de conto oral etnográfico”, foi premiado em 1995 com o melhor artigo publicado em 1994, pela *National Art Education Association* dos Estados Unidos. Trata-se da construção de um texto tendo como narradora uma criança imaginária, que através do relato de um dia vivido, aglutina três anos de descobertas da pesquisadora acerca da cultura Navajo. Trata-se de uma pesquisa formalizada através de uma narrativa. A escolha do texto responde à minha ansiedade por uma linguagem mais inventiva na descrição de pesquisas e pela ausência de estudos sobre a arte e sobre a sua aprendizagem nas tribos indígenas do Brasil. Que multiculturalidade é esta que cultivamos quando menosprezamos o conhecimento da cultura autóctone?

Embora estejam fora dos limites desta pesquisa, 1994, 1995 e 1996 foram anos muito produtivos para a Arte-Educação, no Brasil. Várias dissertações foram defendidas, como as de Moema Martins Rebouças — *Construção do conhecimento artístico nas aulas de Educação Artística das escolas de 1º grau das prefeituras de Vitória e da Serra* (1995); a de Richard Perassi de Souza — *O desafio da imagem: alternativa contemporânea para a arte nas escolas de segundo grau* (1995); a de Teresa Aragão — *Arte-Educação: um desafio de muitas faces* (1994); a de Gerda Margit Schluitz Foerste — *Arte-Educação: pressupostos teórico-metodológicos na obra de Ana Mae Barbosa* (1996); a de Carmen Sílvia Nora Dias Quintieri — *Imaginação e razão: em busca da totalidade do homem* (1995), a de Monica Rodrigues Dias Pinto — *Em busca do elo perdido: educação e imagem* (1994); e a de Maria Lucia Batezat Duarte — *O desenho do pré-adolescente: características e tipificação* (1995).

Essas teses têm em comum, além dos dois pontos no título, a preocupação com o fazer, o ver e o compreender a arte. Por outro lado, comprovam a influência dos que compõem este livro, frequentemente mencionados.

Também não constou desta pesquisa a excepcional tese de doutorado de Analice Dutra Pillar — *Desenho e construção do conhecimento na criança* (1994); já publicada pela editora Artes Médicas de Porto Alegre (1995) com o mesmo título.

Trata-se de um trabalho que, se escrito em inglês, estaria sendo citado internacionalmente e que estaria presente em todas as bibliografias que tratassem do desenvolvimento da produção e da compreensão da arte dos e pelos pré-escolares.

Nossa língua, infelizmente, nos condena ao *apartheid* cultural de mão única, porque nós pesquisadores pós-graduados somos obrigados a ler em inglês para romper a incomunicabilidade intelectual.

Apesar das dificuldades de uma área bombardeada pelo preconceito que envolve qualquer assunto ligado à Educação neste país, já existe um *corpus* de pesquisa constituído sobre ensino-aprendizagem da arte produzido no país.

Agradeço a David Thistlewood, Elliot Eisner, Marjorie e Brent Wilson, Ralph Smith, Vincent Lanier, Robert Ott, Mary Stokrocki, por me permitirem publicar seus artigos em português.

Os lucros da venda deste livro serão doados ao Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação, grupo que, sem fins lucrativos, assessora projetos de Arte-Educação. Sediado na ECA/USP congrega professores de várias universidades brasileiras.

Agradeço a Ana Leonor Magalhães, que me assistiu na pesquisa no fim de 1994 e a Thaís Helena Bastos Fusco Magalhães, que pesquisou comigo em 1995-1996. Além disso, tive o auxílio constante de Heloisa Margarido Sales, que mesmo sem bolsa de pesquisa trabalhou arduamente conosco todo o tempo, revisou as traduções e editorou os textos. A ela e ao CNPq, que financiou a pesquisa, meus agradecimentos especiais.

Não encontramos o que esperávamos porque, contrariando a nossa expectativa, os livros escritos por arte-educadores brasileiros são muito mais citados e contribuíram muito mais para a instauração de uma concepção de Arte-Educação, que além da expressão inclui a decodificação da obra de arte.

Por outro lado, a maioria dos textos estrangeiros que foram influentes na mudança de mentalidade dos pesquisadores brasileiros já estavam traduzidos e publicados na revista *Ar'te*, nos anais do simpósio sobre História da Arte-Edu-

cação (ECA/USP-1984) ou nos anais do Simpósio sobre o Ensino da Arte e sua História (MAC/USP-1989).

Agora, depois deste exame detido das teses e dissertações, podemos afirmar que a revista *Ar'te* e o Simpósio de 1989 foram os veículos que produziram as mais ricas influências estrangeiras em direção à renovação da concepção de ensino-aprendizagem de arte na pós-graduação das universidades brasileiras.

Espero que este livro seja especialmente multiplicado na formação do professor de Arte nas licenciaturas, e assim se interliguem as leituras na graduação e na pós-graduação.

Novembro de 1996



HERBERT READ

(Arquivos da Univ. de Victoria, Canadá, foto tirada em julho de 1966, em Stonegrave por Felicita Vogler).